

Um estudo sobre *Os Sertões*, de Euclides da Cunha.

Flávio Aguiar*

RESUMO: *O artigo analisa a presença de signos bíblicos – como a serpente – no discurso de inspiração positivista de Euclides da Cunha, apontando-os como responsáveis pela consistência da obra.*

Palavras-chave: *Euclides da Cunha; Os sertões; Canudos; Literatura e História.*

Com ele, o pássaro de
Minerva alçava vôo
nas alvoradas

Franklin de Oliveira
A espada e a letra

A epígrafe deste trabalho supõe ser possível desentranhar uma leitura de esperança a partir da tragédia de Canudos vista por *Os sertões*. Esta é a conclusão de Franklin de Oliveira, ao final de seu livro *A espada e a letra*:

(*) Professor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH/USP.

“Em nome da esperança, que é o mínimo que devemos aos injustiçados, Euclides lançou-se à grande luta, confiante na ciência, como força civilizadora, e na arte, como antecipação do reino da liberdade”.

A leitura aqui proposta retoma o possível fio de esperança. Não mais que fio, não mais que possível. Porém não menos.

Publicado em 1902, *Os sertões* é hoje amplamente aceito como o grande **mea culpa** da intelectualidade brasileira sobre a Guerra de Canudos, cujo desenlace se dera em 1897, cinco anos antes, com o massacre da cidadela milenarista e rebelada, por tropas do Exército da República, às margens do Rio Vaza-Barris, em sítio hoje transformado em açude.

A cidadela, como se sabe, tinha dois nomes: Canudos, para quem lá não estava, nome antigo devido aos longos pitos feitos com plantas ribeirinhas da região; e Belo Monte para os migrantes pobres ou bandoleiros desgarrados reunidos pela esperança de uma nova vida, seja nesta, seja na desejada outra. Belo Monte assinalava a esperança de que ali fosse o portal do paraíso, tornado próximo no espaço e no tempo. Não se pode desprezar a hipótese de que para os resistentes do Belo Monte a guerra fosse o limiar do Juízo e que eles, ao morrerem e matarem, fossem personagens ativos do Drama da Redenção Universal, que chegava a seu desenlace. Ou a de que para eles o Vaza-Barris figurasse o próprio Jordão, sinuoso como aquele, e em cuja região campeiam os rios intermitentes. Mas a possibilidade de comprovação destas idéias hoje é remota.

A guerra civil, descrita pelos republicanos de então como “a nossa Vendéia”, a partir da certidão de batizado passada pelo próprio Euclides nos artigos que escreveu para *A Província de São Paulo*, começou com escaramuças entre os belomontinos e forças policiais da região, num intrincado de disputas políticas, religiosas e econômicas difíceis de deslindar hoje em dia. A república se firmava; grandes e pequenos po-

deres mudavam de mãos; acusavam-se os moradores da cidade de predações nas fazendas em torno; ressaltou-se que o Conselheiro disputava espaço com a Igreja Católica e pregava contra a república, além de queimar editais que anunciavam novos impostos proclamados pelo governo republicano; houve disputas sobre tábuas para construção de uma capela e sobre quem levaria mais almas para a outra vida. A República, ironicamente, ganhou na conta final.

Esse emaranhado de grandes mesquinhas levou à organização das primeiras expedições punitivas contra o Belo Monte; a desorganização e a incompetência levaram-nas a derrotas que assustaram os poderes locais e nacionais. Seguiu-se a grande expedição Moreira César, já em 1897. Militar famoso pela crueldade da repressão desencadeada durante a revolução Federalista no Rio Grande do Sul e na antiga Nossa Senhora do Desterro, em Santa Catarina, Moreira César terminou por liderar uma das páginas mais estúpidas entre as tantas de nossa história. Custer nacional, provavelmente picado também, como seu *dublê* norte americano, por obsessões políticas, em todo caso enredado nas lutas entre herdeiros de Floriano e civilistas na capital da República, Moreira César conduziu tropas desgastadas e dispersas a um combate precipitado em terreno adverso. A expedição que era definitiva se transformou num desastre. Morto o próprio comandante, a tropa em fuga abandona seu cadáver, armamentos e munição pelo caminho.

O clamor que se levantou em toda a nação manifestava temores pela própria República, que se tornou então vítima de um fantasmagórica conspiração monarquista de restauração do antigo regime. Esse clamor levou ao empastelamento de jornais monarquistas e ao assassinio de pelo menos um jornalista, Gentil de Castro, por multidão enfurecida. Entretanto esse clamor continha em suas entrelinhas, se assim se pode falar, o ruído sibilino que destilava dúvida sobre se o Exército seria de fato capaz de defender a República. O governo civil de

Prudente de Moraes atendeu aos apelos. Seis mil homens marcharam sobre “a nossa Vendéa” e lá, novamente entre atos de barbárie, como a degola, e incompetência, a massacraram.

Foi neste passo que Euclides da Cunha, escolhido repórter de *A Província de S. Paulo* graças àqueles artigos antes mencionados, chegou ao local, já quase ao fim da guerra, acompanhando a expedição do próprio Ministro do Exército. Chegou, viu e começou a se convencer de que nada de monarquismo havia naquela guerra civil em que os defensores haviam caído até o último, com exceção de alguns poucos que fugiram para o sertão e de mulheres e crianças feitas prisioneiras. Os próprios monarquistas negavam a existência dessa esdrúxula conspiração no sertão da Bahia, como fez o escritor Afonso Arinos, em artigo de 9 de outubro de 1897 – em cima dos acontecimentos, portanto. Machado de Assis via com ceticismo o empreendimento militar contra Canudos. Em sua crônica de 7 de fevereiro de 1897, publicada na *Gazeta*, assinala que “os soldados do 7º batalhão que embarcaram para a Bahia não são Enéas; vão à cata de um iluminado e seus fanáticos, empresa menos para a glória que para trabalhos duros”. Na crônica de 27 de dezembro de 96 refere-se ao Conselheiro como um “taumaturgo”. Já em 1894 referira-se aos excessos da imaginação ao se comentar, na imprensa, a legião de seguidores do Conselheiro, em crônica depois publicada em *Páginas Recolhidas*. Em 97, em seu estilo irônico, acusa a “preguiça dos civilizados” de ter permitido que “o fervor dos bárbaros” fosse tão longe, quando seria mais fácil “tê-los dissolvido com uma patrulha”. Outras vozes também destoam, de modos diversos, do coro geral em torno da suposta conspiração monarquista. O correspondente do *Times* de Londres assinala que não crê na ligação entre monarquistas e conselheiristas; Rui Barbosa considera os monarquistas cidadãos dignos e vê na tentativa de juntá-los aos sertanejos revoltados um expediente para manchar a reputação daqueles. João Brigido e outros, em diferentes depoimentos, evocaram um

tratamento mais compreensivo e humano que deveria ser dispensado a Antonio Conselheiro. Mas eram vozes destoantes e isoladas no imenso coro.

Desfeita a imagem da Canudos como cidadela monarquista, e transformada ela própria em pó e escombros, colocou-se para o correspondente desiludido Euclides da Cunha a questão de explicá-la. Começado ainda em 1898, *Os sertões* apresenta a guerra como o desenlace dramático e inevitável do conflito entre dois Brasis, consagrando uma visão dual da nossa sociedade que faz fortuna até hoje.

O Brasil urbano, litorâneo, cosmopolita, esmagou o Brasil rural, interiorano e fechado sobre si mesmo. Entre ambos havia o traço comum do atraso cultural e político e o estigma da mestiçagem, que o positivismo dominante, a que Euclides rende largo tributo, considerava como um fenômeno capaz de inviabilizar uma nação. De acordo com essa visão racista e preconceituosa, o mestiço carregaria consigo os traços mais débeis das raças de origem, sendo um tipo instável emocionalmente, pois as faculdades superiores nele estariam debilitadas. Entretanto, para Euclides, essa versão da ciência sua contemporânea se aplicaria à mestiçagem litorânea do Brasil, fojada principalmente entre brancos e negros e continuamente exposta a influência das “culturas superiores” dos países de civilização “mais acabada”. O mestiço brasileiro, em meio cosmopolita, a lidar com idéias além de sua compreensão, como a de República, era a base de uma sociedade culturalmente débil, desprotegida e instável. A expressão desta fragilidade era o militarismo dominante na República, onde o papel principal era exercido por um personagem também “mestiço”: o militar travestido de político. Se Euclides reconhece alguma grandeza em Floriano, condena a utilização demagógica da sua imagem. Floriano fora e expressão altiva desse hibridismo (altivez contestada, por exemplo, por Lima Barreto, que via quase como um idiota bruto, no *Triste Fim de*

Policarpo Quaresma); entretanto, sua expressão irônica e amesquinhada fora Moreira César, conhecido pela crueldade, pelas vinganças pessoais, pela degola e pela violência das repressões que comandara. Em *Os Sertões* Moreira César aparecerá ainda como protagonista de cena bufa cujo inspirador distante, e mais nobre, é o Quixote. Em meio ao avanço para a região conflagrada sua expedição recebe a chegada de mantimentos e gado oferecidos por fazendeiro amigo; alvorotada, desalinhada, a tropa pensa que é o inimigo, e prepara-se para o combate, enquanto o comandante sai só e a a cavalo, mal vestido, a carregar sobre o adversário ...

Nas terras interiores do sertão a mestiçagem deva lugar a uma nova raça, caldeada do encontro dos bandeirantes com aqueles que os tupis classificaram como “tapuias”, isto é, brutos. Isolada, a sociedade decorrente desenvolvera-se protegida e fechada sobre si mesma, recoberta pelo trabalho missionário que fora progressivamente se deteriorando e passara da pregação amistosa da paz de espírito para a ameaça constante das penas infernais. Retardatária, essa sociedade regredira na linha evolutiva em que as nações deveriam se formar. O raciocínio positivista, consignado como se sabe em nossa bandeira, é co-responsável pelo milagre intelectual da máquina do tempo, que fazia com que um antropólogo europeu pudesse falar de um ser humano de outra matriz cultural como “um homem do passado”, embora ele ali estivesse, em sua frente e ao alcance da mão. As sociedades e culturas, assim vistas, formavam uma linha evolutiva que ia do indiferenciado ao diferenciado, do simples ao complexo, do em bloco ao discreto. Retardatária então, a sociedade dos sertões não se limitara a parar no tempo, ficando para trás. Fora efetivamente mais para trás e revivera padrões das primeiras seitas do cristianismo primitivo. Sua expressão política só poderia ser, portanto, um híbrido: o político profeta, Antonio Conselheiro, forjado pessoalmente no clima de violências típico da região e culturalmente naquela brutalidade tosca em que o trabalho missionário havia degenerado.

Entretanto Euclides se apoia nos autores científicos de sua época para, a partir de certo ponto, negá-los, como é tanto de seu gosto que se compraz e se detém nas antíteses, nos oxímoros, nas contradições expostas ao vivo, como muitos trabalhos sobre *Os Sertões* já expuseram fartamente. Euclides se detém sobre a sociedade sertaneja com a curiosidade de um antropólogo; se enraivece pelas barbáries cometidas pelo exército contra seres humanos, mas sua cólera tem um condimento do historiador que vê uma tropa de incultos destruir um samabaqui vivo e milenar da raça humana. Pois a sociedade sertaneja desviara da norma que deveria seguir. Ao contrário da sociedade litorânea, onde o verniz da civilização era frágil para conter a mestiçagem embrutecedora, aquele amálgama de atrasos do sertão dera origem a uma raça estável. Anacrônica, porém equilibrada e resistente. “O sertanejo é sobretudo um forte”, tivemos, pelo menos os de minha geração, de decorar na escola. Esta, portanto, é a origem de célebre frase: no interior do Brasil estava em curso uma nova e lenta experiência da gênese da espécie, que o litoral superficialmente civilizado não soubera compreender. Mesmo se a guerra fora inevitável, cabia parcela enorme de culpa a esta civilização pretenciosa que exterminara a outra em sua face rebelada. Este raciocínio, por sua vez, explica o porque da forma de *mea culpa* que *Os Sertões*, inegavelmente, têm. Entre ambas as sociedades, entretanto, um forte traço as unia: estavam ambas aquém da lei. A interiorana, por ser a lei anacrônica em relação a seu padrão cultural. Ela não podia, portanto, nem compreender nem aceitar a República, e via no Imperador um recurso magnânimo que lhe fora retirado. A litorânea, por sua vez, não podia viver a República como o império da lei, presa que estava dos chefetes de rua e demagogos de plantão.

Esse traço, que as unia no pano de fundo, desuniu-as no proscênio da história, fazendo com que se enredassem ambas no intrincado dos pequenos conflitos que as levaram à

guerra final. O traço novo da explicação de Euclides, em relação a seus contemporâneos, está menos em ver no interior o atraso e a regressão, do que em ver no litoral também o mesmo atraso, e a conjugação e identidade secreta entre ambos os fenômenos, embora tivessem florescido de formas diversas.

Para compor sua teoria, Euclides mobiliza tudo o que tem a seu dispor: teorias científicas, relatos e reportagens, crônicas históricas. Compõe assim um livro multifacetado, cuja classificação ocupou bastante nossos críticos. Penso que Walnice N. Galvão, em “O canto de uma cólera”, deu contribuição definitiva para essa questão: “*O que temos aqui*”, diz a organizadora da edição crítica de *Os sertões*, “*é um imenso diálogo a muitas vozes, mediadas pelo narrador*”. Mais adiante: “*O andamento da narrativa, que procede por antítese e não por síntese, torna-se uma polifonia exasperada*”, pois as vozes se contradizem sistematicamente entre si. Neste aspecto, a construção do livro rima com a situação geral do pensamento de Euclides, que mobiliza os postulados da vulgata científica de sua época para estudar um caso que, segundo ele próprio, nega esses mesmos postulados e suas conclusões. “*Extremado-se o procedimento*”, prossegue Walnice, “*aproximamo-nos daquilo que Northrop Frye definiu como anatomia, ou seja, uma forma épica não romanesca com ênfase na dissecação analítica de idéias*”. Como anatomia, *Os sertões* tende também a ser uma obra de caráter enciclopédico, isto é, tende a abarcar o conhecimento e as formas de linguagem reconhecidos em seu tempo. A *Ilíada* e a *Odisséia* criaram literariamente o mar Egeu e arredores, até o portal do Inferno. *Os sertões* recria o Brasil – um Brasil formado de dois – um deles, portal do Inferno, que os dois visitam.

A intenção científica se resolve em *Os sertões* pela tentativa de explicar a guerra como a expressão dramática da existência de uma “falha”, no sentido geológico do termo, nos estratos subterrâneos da sociedade nacional, falha que teria dividido o que deveria ser indiviso, se a nação tivesse história

homogênea. Esta explicação se organiza, seguindo ainda a lição positivista, em três partes, “A terra”, “O homem” e “A luta”. A primeira parte do livro fundamenta o conflito dando-lhe uma dimensão geológica, de acordo com a visão de que é o meio que faz o homem. A primeira parte descreve com minúncia e grandiosidade um antagonismo essencial entre o sertão hostil do norte e a paisagem mais homogênea e acolhedora do sul. “O homem” é, na verdade, a história de dois homens – um genérico, outro individualizado. O primeiro é o sertanejo, visto como o retardatário que sabe se acolher na terra hostil – também ela retardatária no plano da evolução geológica do continente. O segundo é Antonio Maciel, depois Antonio Conselheiro, cuja história familiar, nos é exposta como exemplo da violência política característica dos sertões¹. Finalmente na terceira parte, “A luta”, os personagens descritos mais os litorâneos encenam o drama da guerra. Euclides mobiliza também sua formação militar e de engenheiro, fazendo sempre a análise minuciosa dos caminhos seguidos pelas tropas, das disposições da defesa, dos erros e acertos dos ataques e movimentos.

Ao seu cabedal científico e histórico, militar e politécnico, Euclides aliou uma tenaz vontade literária. Comprova-o o fato de Euclides ter contínua e compulsivamente revisto as edições de seus livros, quase sempre no sentido de aprimorar a eficácia do impacto das frases, como se fora militar letrado conduzindo o ataque a uma fortaleza resistente. *Os sertões* é feito para nos convencer de algo, imprimindo este *algo* de modo indelével na mente do leitor, e o autor mobilizou também o melhor de seu estilo para essa empreitada. Sua visualidade nos impressiona; as imagens com que descreve as cenas de batalha são vívidas e plásticas. *Os sertões* parece um filme. Não devemos nos esque-

⁽¹⁾ Um reparo: Euclides nos apresenta Antonio Maciel como um pobre-diabo executor de prédicas mediocres. É difícil aceitar essa imagem diante da organização dos discursos do livro de prédicas do Conselheiro, publicado em 1978 (SP, Cia Editora Nacional, 1978 – *Antonio Conselheiro e Canudos* por Ataliba Nogueira).

cer que Euclides (contemporâneo da invenção do cinema) participa de uma quadra histórica onde o visual expande sua importância na cultura. Busca-se incorporar a representação mesma do movimento à imitação plástica. Rodin e sua inacabada Porta do Inferno, são contemporâneos de Euclides; as vanguardas não lhe estão distantes no tempo – embora estejam no espaço; a erótica romântica, tão baseada na sonoridade das palavras, cede lugar ao *voyeurismo* poético de tantos parnasianos, impressionados por uma leitura parcial de Baudelaire, mesmo as sonoridades simbolistas se revestem de álgidas mas sublinhadas visões. Nas cidades, multiplicam-se as exposições visuais, as projeções; para as casas reservam-se aparelhos binoculares e portáteis – de que ainda minha infância dispôs, por artes de meu avô – onde se reproduzem cenas históricas famosas. Essa plasticidade se reflete intensamente nos sertões euclidianos. As cargas dos soldados e as negaças dos jagunços se desenham nítidas e adquirem características grandiosas. Num certo momento da segunda expedição, que avança pela serra do Cambaio, o inimigo (o sertanejo transformado em jagunço).

“encantoara-se. Rentes com o chão, rebatidos nas obras do terreno, entaliscados nas crastas – esparsos, imóveis, expectantes...”

Os soldados avançam, e é como se atacassem a própria serra, com quem o inimigo se confunde. E lá vão

“vagas humanas raivando contra os morros, num marulho de corpos, arrebatando em descargas, espadanando brilhos de aço, e esturgindo em estampidos sobre que passavam, estríduladas, as notas dos clarins soando a carga”. (Na edição crítica de *Os sertões*, organizada por Walnice Nogueira Galvão e publicada pela Editora Brasiliense v. p. 301 e 302)

Em geral Euclides faz uma crítica impiedosa dos movimentos do Exército e dos esquadrões de política. Mas aqui os

descreve com grandiosidade ímpar. Decompõe a visão do ataque em detalhes fragmentários: os corpos, as descargas, o lampejar das baionetas e os toques de clarim. E recompõe a visão totalizante, elaborando uma paisagem marítima, onde os corpos são ondas, as baionetas são gotas lançadas para o alto, os estampidos estão no lugar do ruído surdo das vagas batendo contra os rochedos, e as notas dos clarins fazem o papel do grito de aves a riscar o céu. Ao mesmo tempo que diferentes e antagonísticos, mar e rochedo compõem um todo, unindo, no plano da imagem, embora em confronto, aquilo que a história separou: o sertanejo rebelado e o soldado do governo. Bárbaros da idade do ferro atacam outros da idade da pedra. Sem dúvida, estamos diante de um grande escritor.

O esforço estilístico do livro se concentrou também num notável travejamento de imagens, que obedecem a um projeto de criar, no extenso livro, os contornos nítidos de uma percepção definida, insistentemente definida. Na segunda parte do livro, "O homem", o Antonio Maciel transparente, cuja vida é passada a limpo até a exposição das desgraças da sua vida conjugal, curiosamente parecidas com as futuras de Euclides, sai de cena e no seu lugar surge "o anacoreta sombrio", de camisa de brim e cajado na mão, a percorrer o sertão "no passo tardo dos peregrinos". Este "outro", também Antonio, é o Conselheiro, uma sombra do passado errante no presente, um ser fantasmal, a contra-face, como político profeta, do político militar da paisagem urbanizada, mas vista como não menos primitiva, da Rua do Ouvidor. Da mesma forma, ao longo de todo o livro, o sertanejo cederá espaço à sua versão demonizada, a do jagunço, que é o mesmo, porém rebelado, invertido, posto de cabeça para baixo, projeção infernal de um ser atrasado mas de índole pacífica, se deixado em paz. Se o sertanejo é transparente e analisável, o jagunço é analisável em suas origens e em seu rastro, mas não é mais visível. "A luta", então, encena um combate do visível e claro contra a sombra; mais uma vez, como no caso do mar e do rochedo, temos a recuperação do desunido numa imagem que apre-

senta seus termos como opostos mas complementares. As tropas do governo, como no exemplo já citado, serão acompanhadas em todos os seus movimentos, descritos com vivacidade na cor das fardas e no brilho dos armamentos. O jagunço, entretanto, desaparece, deixando índices e produzindo efeitos, mas não mais visível enquanto imagem inteira. Esse movimento se produz e se reproduz ao longo de todo o conjunto do livro. O jagunço “sem aparecer, se revela”. “Não foi possível distingui-los bem”; “trocadas algumas balas, desapareceram”; essas frases são emblemas do invisível que se repetirá, em muitas outras, ao longo capítulos. Entretanto, esse tornar-se sombra faz-se como um colar-se à terra. O jagunço, recuando na refrega, é um “negaceador demoníaco”, “oculto no sombreado das tocaias”; ele rasteja, de soslaio, para surgir logo adiante. Sombra, o jagunço assombra, enigmático na sua resistência inesgotável e estranho no seu comportamento. Inesgotável, o jagunço lembra Anteu, a receber energias da terra hostil, mas a que ele sabe se adaptar.

Este Anteu aparentemente frágil se resolve em Esfinge que cerca as tropas do governo com seu enigma indecifrável. Desse cerco as tropas demoram toda a luta para se livrar, e ele é recomposto pelo próprio narrar do livro: morto, o espectro do jagunço cerca a nação, como alma penada, e é diante deste fantasma evocado que *Os sertões* faz seu propalado *mea culpa*. Ele evoca, portanto, o rebelde cercado, como na verdade o que cerca, no plano simbólico. Essa inversão de posições aparece corporificada na figura, em primeiro lugar, do Exército prisioneiro de seu próprio cerco: seis mil homens não conseguem dar conta rapidamente, como era esperado, dos rebeldes, e colocam a força armada nos braços de um impasse militar que resolverão a dinamite, e político, que não resolverão no curto prazo. Em segundo lugar, a inversão de posições aparece nas imagens com que Euclides descreve a própria tática militar da resistência do “inimigo”. Este cerca, inicialmente, a tropa do governo, em linhas que avançam e recuam conforme a disposição e a resistência dos soldados. Euclides

compara o Exército a um “touro pujante” e os jagunços à “sucuri flexuosa”. Esta aperta e desaperta seus anéis, permitindo que o touro se debata, corra e assim se canse, numa tática mais demoníaca do que real. A imagem da serpente se integra à visão do atraso no caso do jagunço. No imaginário popular a serpente se assemelha a um lagarto que perdeu as pernas. É ela mesma um sinal do atraso e da regressão da espécie. No plano simbólico a serpente, como tudo o mais, desfruta de um estatuto ambíguo, a um tempo símbolo do maligno e da perdição, e ao mesmo tempo símbolo da sabedoria e da cura.

A serpente é das imagens mais insistentemente evocadas em *Os sertões*, contagiando todas as descrições da terra demonizada pela seca e depois pela guerra. A comparação da tática dos jagunços com aquela suposta tática do maior dos répteis sulamericanos está dentro de um complexo de imagens inteiras ou de índices da serpente que se compõe ao longo de todo o percurso da obra.

Mais uma vez, deve-se assinalar que essa imagem ajuda a unir os contrários. Se é verdade que o sertanejo rebelado adquire atributos de serpente, coleando pelas caatingas; se é verdade também que o próprio sertanejo em si mesmo considerado, rebelde ou não, apresenta um andar descrito como “sinuoso”, que avança “por meandros”; é verdade também que os emissários da civilização litorânea, as tropas, e seus sinais, também avançam coleando pelas colinas, embora de forma visível. São os fios do telégrafo, esticados pelos caminhos, que levam as novas da guerra; e ao receber as notícias do desastre da terceira expedição a multidão enraivecida desfila e se desata pelas ruas da capital, como guardiã e expressão do caos a demolir os jornais da oposição: de cobras e cobras os brasis são feitos, irmanados nesta natureza regressiva, na visão Euclidiana.

Ao longo de *Os sertões* vamos encontrar serpentes às vezes nos lugares mais insuspeitos. No começo de “A luta”, Euclides menciona Bom Jesus da Lapa, lugar de devoção de

jagunços, bandoleiros e sertanejos. Pois lá, segundo Câmara Cascudo, há uma “Cova da serpente”, refúgio de uma cobra emplumada que perdeu as plumas e sumiu à força de reza. Euclides compara o jagunço a um guerrilheiro *thug* – ou seja, membro de uma seita indiana, mais política do que religiosa, que durante três séculos agiu nas sombras da Ásia, e cuja arma preferida para o assassinato de seus inimigos era o estrangulamento com uma fina corda.

A própria desdita pessoal de Antonio Conselheiro, o acontecimento central que desencadeia sua loucura, na versão Euclidiana, se apresenta como provocada pela fuga da mulher, esta, por sua vez, seduzida por um “*Lovelace de coturno reiúno*”, um sargento de polícia. Lovelace evoca o célebre sedutor do romance *Clarissa*, de Richardson, do século XVIII, inspirado no poeta (e soldado) Richard Lovelace, do século anterior, um dos “*poet cavalier*”, no dizer de Carpeaux. O nome Lovelace – se traduz por laço de amor; e lace, laço, designa também o cadarço, o laço que sinuosamente prende as beiradas distintas do sapato, ou do coturno. Lovelace de coturno reiúno se projeta como a serpente que tenta a mulher e provoca assim, a perda de natureza em seu estado primordial, deixando-nos este rastro de desordem que é o mundo como o conhecemos, de acordo com a tradição cristã. Quando Antonio Conselheiro se refugia na cidadela armada, Euclides diz que ele lá se “entocara”; quando a primeira expedição ocupa o arraial de Uauá, a população foge, na noite, “deslizando, furtiva”, sem ser percebida. A seguir, os sertanejos vêm enfrentar a tropa, na alvorada – mas vêm cantando, em procissão. A procissão é o símile e a imagem espelhada da tropa em marcha, assim como esta é a emissária, afinal, da multidão que marcha pelas ruas da capital em busca dos monarquistas. República e cidadela são antípodas, mas não como contrários, embora se vejam como estrangeiros uns aos outros os soldados e os rebeldes. Unidos pela imagem da serpente, são imagens que se espelham o que uma faz pela direita a outra faz pela esquerda.

A imagem da serpente a tudo contagia, n'Os *Sertões*. Ela se reproduz no Vaza-Barris, o rio que não corre, formado por cacimbas que se comunicam nas cheias, e em seu leito seco cheio de meandros, sinuosos como o andar do jagunço. Numa destas voltas do rio, imprensada contra a colina, de casario baixo e cor de terra, está Canudos, a Belo Monte destes “outros” tão persistentemente “nossos” para seguir o estilo de antíteses do autor. Canudos aparece como a imagem de algo imutável, um mesmo que pode se ampliar no espaço mas não avançou no tempo: é sempre...” a mesma casaria vermelha, de tetos de argila, alargando-se cada vez mais esparsa pelo alto das colinas em torno do núcleo compacto abraçado pela volta viva do rio”. Ou como “cinco mil casebres impactos numa ruga da terra”, na visão da expedição Moreira César.

Sobre a imagem da serpente, se justapõe a da regressão no tempo. Desesperados, já na agonia da cidadela, os jagunços percorrem perigosa e inútilmente as cacimbas do rio-serpente, em busca da água que lhes falta; e o fazem “de bruços, rentes com o chão, vagarosamente, num rastejar serpejante de grandes sáurios silenciosos”. Estas serpentes regressivas esparsas, mas constantes, pelas páginas do livro, têm um símbolo primevo, de que são a conseqüência e ao mesmo tempo o sinal.

Ao descrever o sertão da Bahia, Euclides, imbuído das crenças de seu tempo, quer ver na terra a face do homem e os contornos do drama histórico. Aos Brasis de civilizações díspares correspondem então Brasis geológicos diferenciados; o sul, mais bem acabado, e o sertão, onde a vida é incipiente porque ali houve, na verdade, um levantamento prematuro do fundo dos mares. Comprimido pelo erguer-se dos Andes e pelo Maciço das Guianas, o chão deste levantou-se do oceano tardiamente, depois do resto e antes do que devia. É portanto, uma cicatriz do passado na terra do presente. Não é apenas uma regressão; é o sinal de um outro tempo, é uma Atlântida ao contrário, de quando não havia vida humana e talvez nem mesmo vida como a conhecemos. O tempo ali é

outro; a chuva, inicialmente, conforme descrito magistralmente nas páginas d “A terra”, não cai: evapora, ou seja, de certa forma se detêm e inverte seu curso: “cai para cima”. Afinal, quando cai, escorre, formando correntes improvisadas que se juntam numa corrente de “águas escuras e revoltas” – como a trazer à tona, ainda, das entranhas da terra, seus segredos infernais.

O sertão é descrito como a “escarpa média” de uma encosta que, enquanto o resto se alevanta, permanece submersa.

“Uma corrente impetuosa, de que é forma decaída a atual da nossa costa, enlaçava-a. E embatendo-a longamente, enquanto o resto do país, ao sul, se erigia já constituído, e corroendo-a, e triturando-a, remoinhando para oeste e arrebataando todos os materiais desagregados, modelava aquele recanto da Bahia até que ele emergisse de todo, seguindo o movimento geral das terras, feito informe amontoado de montanhas derruídas”. (Na edição crítica, p. 104)

Por isso alí o regime é desértico, e a praia virou sertão *no passado*, revirando no tempo o famoso dito atribuído em *Os sertões* ao Conselheiro e rememorado, com outras palavras, na trilha musical do filme *Deus e o Diabo na Terra do Sol*: a longa permanência neste tempo submerso deteve o passo da história. Canudos, com sua consistência terrosa e seu ar de ruína antes mesmo do combate, o Vaza-Barris seco e cheio de meandros, e o jagunço como sertanejo demonizado são apenas extensões em tempo histórico daquele tempo recurvo, construído pela gigantesca corrente que, como serpente mãe do caos enlaça, embate, tritura, remoinha, arrebata, mas paradoxalmente, modela. Modela, portanto, à sua imagem.

As imagens de *Os sertões* têm então uma amplitude bíblica; mas invertem a Escritura: nesta, Deus separou a terra e a água. Mas o sertão é um prolongamento do caos, um tentáculo temporal da pré-história. O sertão é um Gênesis emperrado, e a linguagem do escritor parodia – e, com tantos

indícios, não há dúvida de que intencionalmente – a escritura bíblica. Em seus estudos sobre *Os sertões*, Walnice N. Galvão assinala que a escritura de Euclides se modela pela do Apocalipse. Neste, ao horror da destruição do mundo se segue a visão remissora da Cidade de Deus, onde se recuperam a fonte e a árvore da vida, perdidos que foram pelo pecado original que decorre da tentação da serpente. Entretanto Walnice observa que (como num dobrar-se sobre si mesmo) o sentido apocalíptico é invertido; o mundo derruído, o fim do mundo, é descrito com as imagens da visão paradisíaca, mas invertidas e demonizadas. Ao invés da fonte da vida, vê-se o Vaza-Barris, o rio que não mana; e a cidade de Deus, o Belo Monte, aparece como o monturo de taipa oculto numa das dobras do rio, prensado contra a montanha e a seca. O tempo, aqui, morde a própria cauda, como a serpente, e se devora.

A serpente como imagem do caos primitivo e de sua perpetuação pelo espírito maligno, aparece no Apocalipse também próxima à visão paradisíaca. De certa forma ela é a guardiã do segredo da vida, o monstro a que é necessário vencer para ter acesso à vida de modo duradouro. A Besta ou Serpente, ou Dragão, “deixa-se estar sobre a areia do mar”. Dali ela sai, para devorar o tempo; numa batalha final, ela será batida e se verá “um céu novo, e uma terra nova”. De certo modo, para o homem letrado e positivista do século XIX que foi Euclides da Cunha, a besta é a besta da ignorância, do atraso e da regressão atávica que se encarnou na cidadela e no Conselheiro, por quem ele não nutre nenhuma simpatia cultural. Mas a ação desencadeada e descrita nos sertões é estéril, e iguala seus êmulos aos jagunços. Enviamos para lá os heróis equivocados – outra Besta, O Exército da República de Verniz, ao invés, como termina afirmando Euclides em seu projeto letrado, ilustrado e positivista, do legislador e do professor. Criou-se assim em Canudos uma duplicação de infernos. Os jagunços são índices daquele outro tempo que não passa mas se enovela, e terminam por se arrastar “como

saurios”, atirando-se contra “a barreira infernal que os devorava”. “Barreira infernal” (na Edição crítica, pág. 544): assim aparece o cerco do Exército que vai fulminando os desesperados que se aventuram em busca das águas estagnadas do rio sem vida. Cercados, os jagunços revivem, no dizer de Euclides, “com vigor incrível”. Reatam eles, em termos simbólicos, o laço com aquela grande serpente dos tempos primordiais. Circulam pelas trincheiras, como “vaga revolta”, “num rumo girante”, “arrebentando” aqui para volverem ali, ondulando, saltando, embaralhando, estrepitosos, cadentes, repelidos, retraindo, infletindo, “serpeantes” e mal vistos “ao clarão fugaz das fuzilarias num remoinhar irreprimível e cíclico de ciclone”. São todos termos de *Os Sertões*, encadeados entre outros, numa trinta e poucas linhas (na Edição Crítica, págs. 529 e 530). São a imagem daquela antiga corrente-serpente cercada, sua realização final, domada mas arrebatadora.

Euclides foi a Canudos em busca da “nossa Vendéia”. Entretanto, n’*Os Sertões*, essa imagem cede perante outra menos histórica, mais mítica.

“Em torno”, descreve Euclides, “o debuxo misterioso de uma paisagem bíblica: a infinita tristura das colinas desnudas, ermas, sem árvores. Um rio sem águas tornejando-as, feito uma estrada poenta e longa. Mais longe, avassalando os quadrantes, a corda ondulante das serras igualmente desertas, rebatidas nitidamente, na imprimadura do horizonte claro, feito o quadro o quadro desmedido daquele cenário estranho. Era uma evocação. Como se a terra se ataviasse em dados trechos para idênticos dramas, tinha-se, ali, o que quer que era recordando um recanto da Iduméia, na paragem lendária que perlonga as ribas meridionais do Asphaltite, esterelizada para sempre pelo malsinar fatídico dos profetas e pelo reverberar adusto dos plainos do Yemen”.

O escritor encontrou, portanto, a “nossa Iduméia”. O Asphaltite é o nome grego do mar morto que Euclides escolhe, de forma preciosista; a Iduméia são as terras ao sul do Mar

Morto, do lado oposto à foz do Jordão. Vindos da travessia do Mar Vermelho, de onde saem pelos “plainos do Yemen”, Moisés e os hebreus tinham de passar por esta região para alcançar a terra prometida. O rei dos Idumeos, Edom, se opôs a que passassem, e formou um exército contra o povo hebreu. Mas o Senhor ordenou a Moisés que não combatesse os Idumeos, e que os contornasse. Assim fez Moisés, conforme está descrito na continuação do Livro do Êxodo que é o Livro dos Números. Nesta passagem pelas “ribas meridionais do Asfaltite” o povo hebreu entrou a murmurar contra Moisés e Jeová. Vieram então serpentes que picavam a todos de forma extremamente dolorosa e matavam. Por ordem do Senhor Moisés construiu uma serpente de bronze, e ordenou aos picados que a olhassem. Quem via a serpente se salvava.

Por que o Senhor ordenou a Moisés que não combatesse os Idumeos? A Iduméia era também chamada a terra de Edom. Eles descendiam de Edom, que quer dizer o ruivo, que era o outro nome de Esaú, irmão de Jacó, que vendera a primogenitura a este em troca de um prato de lentilhas. Desgostoso depois com a venda que fizera, Esaú viera a se estabelecer naquelas terras inférteis, abandonando as de seu pai Isaac, filho de Abraão. Foi José, filho de Jacó, que levava o povo hebreu para o Egito, de onde agora eles retornavam. Esaú e Jacó eram gêmeos, tendo aquele nascido antes deste, e este agarrado ao pé do outro. Os Idumeos eram portanto gêmeos fraternos do povo hebreu. Por isso seu ato de não permitir a sua passagem causa revolta na Escritura, e é motivo das apostrofações dos profetas, que vaticinam maldições sobre eles. Mas é por isso também que o Senhor ordena que Moisés não os combata, pois irmão não deve combater irmão. A seguir, como o povo se revolta, há o castigo da serpente; e a cura vem pela visão da própria serpente, como contemplação da raiz do mal, agora transfigurada em sinal de salvação sob a perenidade do bronze, na forma criada pelo trabalho humano.

Ao evocar a terra da Iduméia, Euclides invoca, também, nas entrelinhas, a tarefa Mosaica que, afinal, é a que ele, Euclides, se dá enquanto escritor. Não apenas enquanto escritor de uma obra, mas enquanto homem letrado, isto é, na visão positivista, e na da Ilustração, que foi tão importante para a formação do espírito das letras brasileiras, como o verdadeiro porta-voz da civilização diante da barbárie. O homem letrado é o herói de *Os sertões*, ao reconstituir, na forma literária perene, e trabalhada, a imagem da serpente. Quem ver, e compreender a natureza do drama que se passou naquele fim de mundo, poderá ser salvo – ou seja, salvar a nação do caos e do desengonço. Euclides da Cunha quis assim impressionar vivamente uma geração de leitores através de imagens fortes e bem delineadas. Impressionou várias.

Para tanto valeu-se das imagens que seu povo leitor conheceria, as bíblicas, incorrendo também em leituras que ainda hoje se faz dos velhos mitos e cosmogonias como descrições metaforizadas de fenômenos naturais. Quem não cedeu já a tentação de ver no Mar Morto, onde supostamente se escondem as ruínas de Sodoma e Gomorra depois de destruídas, e o sinuoso Jordão, como a corporificação da Grande Serpente diabólica que guarda e ao mesmo tempo ameaça a Terra Prometida? Ou a ver na costa africana o ombro de Atlante a sustentar o mundo grego? Euclides vê o seu Brasil como a terra amaldiçoada pela divisão fratricida dos gêmeos e como tempo emperrado num Apocalipse demoníaco (imagens aliás freqüentes na literatura brasileira) que é a imagem de realização final (o anti-tipo no dizer de Frye) daquele Gênese emperrado que ele descreve n'A Terra, onde o Mar pare o Continente mas lhe deixa a cicatriz do nascimento aberta. Imbuído do senso de missão do letrado brasileiro, reconstrói a imagem da serpente no plano literário como signo de sabedoria possível, travejando seu discurso com esta metáfora e todas mais que lhe são apensas, compondo assim não só a exposição de uma teoria, mas uma visão de grande impacto senso-

rial, mesmo e sobretudo se inadvertida. Que será consciente ou inconsciente nisso tudo? É difícil de deslindar uma coisa da outra. Simbolicamente, Euclides da Cunha escreve no esforço de transformar o Gênese emperrado e o Apocalipse de sangue, num verdadeiro Êxodo. É verdade, portanto, como diz Franklin de Oliveira, que para ele a ave da sabedoria alça vôo na alvorada – pelo menos como destino. E se não podemos concordar hoje com os pressupostos teóricos que cita, devemos render homenagem ao livro extraordinário e ímpar que para além deles construiu, e aprender com sua escrita radical.

ABSTRACT: *The text analyses the presence of biblical signs – such as the serpent – in the positivistic inspired discourse of Euclides da Cunha, pointing them out as responsible for the book's consistence.*

Keywords: *Euclides da Cunha; Os sertões; Canudos; Literature and History.*